

A EXPERIÊNCIA DE ALFABETIZAR POR CONTA PRÓPRIA UM ADULTO

GREGÓRIO NOGUEIRA ARRIADA ¹; HELOISA HELENA DÜVAL DE AZEVEDO²

¹Universidade Federal de Pelotas - gregorionarriada@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – profa.heloisa.duval@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

No ano de 2025, dediquei-me a um projeto não vinculado diretamente à UFPel, este projeto consistiu e consiste na tentativa de alfabetizar um idoso chamado Inácio (nome fictício). Antes de iniciar o relato, creio que é importante destacar meu interesse por essa temática. A aquisição da língua escrita transforma completamente um indivíduo vivendo no século XXI, e sua ausência, ou seja, o analfabetismo, marca de maneira profunda uma existência.

Ademais, neste documento pretendo narrar como o conheci, como foi nosso primeiro encontro, algumas de nossas aulas e minhas percepções como professor, na tentativa de demonstrar o mais potente de nossos encontros.

Sempre me causou grande curiosidade essa transformação que podemos causar na vida uns dos outros, por vezes as transformações não ocorrem de maneira tão concreta, como o aprendizado de uma habilidade, mas sim nas nossas formas de ver o mundo. É possível que a concepção de Freire de que "A leitura do mundo precede a leitura da palavra" deu origem a essa minha visão, e na minha prática tento passar de inúmeras maneiras essa concepção. Creio ser importante destacar essa perspectiva, pois é possível que além da evolução visível que Inácio está tendo na escrita, mudanças significativas estejam ocorrendo em sua vida e forma de ler o mundo, assim como ele com toda certeza está me transformando e me ensinando muito.

Como o conheci? Na verdade, foi uma tragédia que fez com que nos conhecêssemos: sua filha, em uma viagem para outro estado, sofreu um acidente e faleceu. Diante disso, uma psicóloga, conhecida minha, ofereceu apoio para à família enlutada. Durante esse atendimento, ao ser questionado se possuía algum sonho ou desejo, Inácio revelou que gostaria de aprender a ler e escrever. Então, essa minha conhecida me procurou para saber se eu teria interesse em alfabetizá-lo voluntariamente. Aceitei, e mais tarde entrei em contato com ele.

Nosso primeiro encontro foi um tanto quanto complexo, digo isso porque demorou até que realmente nos víssemos, e mesmo antes de falar com ele, Inácio disse para mim que não iria fazer as aulas, pois estava em um período muito complicado com a esposa de luto e não se achava pronto para começar a se alfabetizar. Eu disse para ele que queria conhecê-lo de maneira descompromissada, e depois víamos se iríamos ou não começar as aulas. Uma coisa que precisa ser dita é que Inácio não usa celular, portanto, todos nossos encontros são combinados através de seus outros filhos. No dia, combinamos de nos encontrar na frente do Banco do Brasil, iniciamos nossa conversa em meio ao caos da cidade, buzinas de carro, inúmeras pessoas transitando, mas mesmo nessa confusão, tivemos uma conversa muito legal e potente, ele me relatou um pouco das dificuldades que estava passando, e revelou seu sentimento perante o analfabetismo: “ Não saber ler hoje em dia é como se a gente já estivesse morto”. Essa frase me causou bastante impacto e ficou em mim. Fomos caminhando dali

até minha casa algumas quadras em direção ao bairro Porto, ao longo da conversa fui tentando mostrar que seria possível termos as aulas de maneira tranquila e fácil para nós dois. Fiz a proposta de uma vez por semana termos um encontro e que se em algum momento ele não quisesse mais, não haveria problema. Ele se revelou muito querido e ficou preocupado se nossos encontros não afetariam minha vida acadêmica, mas depois de assegurá-lo que não, ele topou iniciar o processo de alfabetização comigo. Durante a conversa eu também expliquei que estava cursando pedagogia, e, portanto, não era formado na área, que para mim também seria uma tentativa pois nunca tinha alfabetizado antes etc.

2. METODOLOGIA

Como metodologia usei dos conhecimentos do curso de Pedagogia, principalmente no que tange a alfabetização. A forma de ver o processo da aquisição da linguagem no livro “Psicogênese da língua escrita” de Emília Ferreira e Ana Teberosky associados as contribuições de Artur Gomes de Morais no livro “Sistema de Escrita Alfabética” me auxiliaram muito neste processo.

Ao longo das nossas aulas, fiz um esforço para registrar o máximo de coisas que conseguia, a verdade é que nunca fui de registrar as coisas, e sempre tive muita dificuldade para fazê-lo. Mas creio que, ainda que não perfeitamente, estou conseguindo registrar boa parte dos nossos encontros e atividades. Todos meus planos de aula começaram a partir da leitura de um livro infantil, nos últimos anos tenho usufruído muito da leitura de vários destes livros, os considero muito potentes e um bom caminho para começar a iniciação ao letramento. Comecei a primeira aula fazendo uma avaliação do que ele sabia ou não, e quis conhecer sua história com relação à escrita. Ele me contou que uma época “sabia tudo”, mas quando estava na quinta série sofreu um acidente envolvendo o fogo, e após um período de coma e de se recuperar das queimaduras, não tinha mais o domínio da língua escrita. Ele tentou outras vezes se alfabetizar, com a ajuda dos seus filhos e até de um grupo religioso que estava passando pela cidade, infelizmente essas tentativas não o tornaram hábil a leitura e a escrita. Ainda assim, creio que todas essas experiências que o Inácio teve no passado, trabalharam habilidades e conhecimentos importantes no processo da escrita. Quando começamos ele já sabia distinguir letras de outros signos, conhecia as vogais (conhecia a forma minúscula delas, mas não conhecia o E e o I maiúsculo por exemplo), sabia escrever seu nome, e tinha uma motricidade muito boa ao escrever as letras no caderno.

3. RELATOS E IMPACTOS GERADOS

Ao longo das aulas li alguns livros para ele. No final da primeira aula li o livro “Para que serve um livro?”, imagem A, de Chloé Legeay e perguntei se ele gostaria de levá-lo para casa, ele disse que sim e assim o fez. Antes de continuar, queria destacar algumas frases e sentimentos do Inácio, que permeiam esse processo. O medo de aprender a ler, tanto pelo medo de não conseguir quanto pelo medo de conseguir, pois a transformação que pode ocorrer em sua vida e forma de ver as coisas, assusta. Também sua concepção sobre conhecimento, muitas vezes ele me disse que “não sabe nada” e que eu que “sabia tudo”, associando o conhecimento puramente a habilidade de saber ler e escrever. Ao longo das aulas tivemos muitas discussões nesse sentido, eu tentei mostrar para ele a pluralidade existente em relação ao saber, que eu com ele aprendo muito,

que ele sabe muitas coisas apesar de talvez não as reconhecer. É evidente que sua visão e postura são um mero reflexo da maneira que a sociedade rotula os analfabetos no Brasil. Os livros¹ utilizados estão apresentados em mosaico abaixo:

Imagem em mosaico 1



Fonte: acervo do autor.

Na segunda aula, levei o livro “O grande livro dos medos”, imagem B, trabalhei inicialmente a interpretação por parte dele, antes de contar sobre o que o livro se tratava. Quando iniciei a leitura e revelei que o livro era sobre os medos, ele me disse a seguinte frase “É bem isso, esse medo, é o que a gente sente” e me revelou que pretendia me dizer que não iria fazer mais as aulas após esse encontro. Felizmente, no final da aula mudou de ideia e disse que iria tentar.

Ao longo do processo me utilizei dos jogos de alfabetização, o “Batalha de Palavras”, jogo que resolvi confeccionar a mão, auxiliou ele muito no desenvolvimento da consciência silábica. Habilidade que ao longo de vários jogos, Inácio dominou. Também trabalhamos o jogo “Caça Rimas” e “Palavra dentro da Palavra”.

Um outro grande avanço que Inácio atingiu foi o de reconhecer as vogais no meio das palavras, hoje quando fazemos um ditado ele já consegue mensurar o tamanho da palavra, considerando quantas sílabas ela possui, e consegue muitas vezes identificar as vogais que fazem parte daquela palavra.

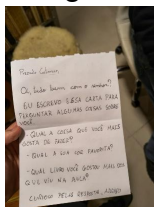
Creio que um dos livros que ele mais gostou foi o livro “O carteiro chegou”, imagem D, esse é um livro fantástico e para minha surpresa ele me disse que costumava contar as histórias dos contos infantis para as crianças da família dele, ele disse que já não se lembrava mais delas, mas na época as crianças se juntavam todas para ouvir quando ele contava. Contou-me sobre seu trabalho “grosseiro” segundo ele, no descarregamento de pedras e envolvido com algumas funções do trem. Outros livros muito legais foram “O menino que tinha medo de errar”, imagem C, pois muitas vezes ele estava com a resposta na ponta da língua e não compartilhava com medo de achar que estava errada e o livro “O sabichão”,

¹ LEGAY, Chloé. **Para que serve um livro?** Tradução de Márcia Leite. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2011.; GRAVETT, Emily. **Pequeno Rato: grande livro dos medos.** São Paulo: Salamandra, 2008.; TAUBMAN, Andrea Viviana. **O menino que tinha medo de errar.** Ilustrações de Camila Carrossine. São Paulo: Zit, 2016.; AHLBERG, Janet; AHLBERG, Allan. **O carteiro chegou.** Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2007.; TOKUMOTO, Ricardo. **O Sabichão.** Belo Horizonte: [s.n.], 2016.

imagem E, que justamente mostra como ninguém sabe tudo e que aprendemos muito uns com os outros.

Ao longo das nossas aulas, ele já rezou comigo e para mim, já escutamos músicas, eu inclusive já toquei uma música para ele no violão, fizemos uma visita ao museu Leopoldo Gotuzzo, já escrevi uma carta para ele:

Imagem 2



Fonte: acervo do autor.

A carta anexada que aparece na imagem representa as vivências além do aprendizado concreto que dão sentido à prática pedagógica e fazem com que ele continue a vir a cada semana.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para concluir, é importante destacar que o processo de alfabetização continua, minha meta é que até final de ano ele esteja alfabetizado e letrado. Acredito que como resultado objetivo podemos ver seu avanço no processo da escrita e da leitura, ainda que em fase inicial, é muito mais avançado do que quando começamos. Em uma das nossas últimas aulas, Inácio escreveu sua primeira palavra por conta própria, sem apenas memorizá-la. Estou contente com a relação que estamos construindo, e estou aprendendo muito sobre a forma de trabalhar com adultos e como trabalhar o início do processo de aquisição da língua escrita. Em relação às dificuldades encontradas, acredito que o processo inteiro que estamos passando é permeado por desafios, como estou ainda na graduação sinto muitas vezes que me falta conhecimento e experiência para realizar o que gostaria, sei que por vezes não é fácil o deslocamento por parte dele para vir às aulas, existem também as inseguranças e medos, porém é justamente o esforço que ambos estamos fazendo que nos propicia muitas aprendizagens.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 1999.

MORAIS, Artur Gomes de. **Sistema de escrita alfabética**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 23. ed. São Paulo: Cortez, 1989.

FREIRE, Ana Maria Araújo. **Analfabetismo no Brasil**. 6. ed. rev. e ampl. São Paulo: Cortez, 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. In: BRANDÃO, Ana Carolina P. A. et al. (Orgs.). **Jogos de alfabetização**: manual didático. [S. l.]: Ministério da Educação – MEC; Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, 2008.